

07/05/2019

## A marca de uma data

### Dimitri Taurino Guedes

[Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi.  
Núcleo de Pesquisas em Saúde, Ambiente e Trabalho]

Nasci no dia 1º de maio de 1976. Essa data está impregnada em mim como uma tatuagem. Era uma manhã de sábado anterior ao nosso Sistema Único de Saúde e sem os avanços tecnológicos da atualidade. Nasci pós-termo e se não fosse o habilidoso uso do fórceps talvez não estivesse aqui hoje.

Desde muito pequeno, o ser humano e a maneira como interage com o que o cerca tem me chamado a atenção.

Gostava de acompanhar meus pais em seu cotidiano de trabalho sempre que possível e gostava de ouvir, principalmente de minha mãe, que pensasse sobre o que queríamos para o futuro (éramos 3 filhos da Dona Elinete), pois trabalhar era árduo e fazer algo que gostasse tornaria a vida menos sofrida quando adulto.

Me tornei adulto. Fiz graduação em fisioterapia.

Em seguida, mestrado em Engenharia de Produção na linha da Ergonomia e Segurança do Trabalho.

A gênese de minha formação básica e um mestrado em Ergonomia me fizeram crer que me tornara um “entendedor” do mundo do trabalho. Ledo engano...

(1) Ao ser convidado para compor uma equipe do CEREST [Centro de Referência em Saúde do Trabalhador], um mundo bem mais amplo e complexo se descortinou.

A luta cotidiana com os companheiros de trabalho do CEREST, com parceiros da FUNDACENTRO e da Fiocruz; um trabalho alinhado a uma CIST [Comissão Intersetorial de Saúde do Trabalhador] atuante e que representava muitos dos anseios dos(as) trabalhadores(as); e um momento político e econômico de prosperidade e esperança, me fizeram crer que nosso Brasil havia trilhado um rumo do desenvolvimento, pois, apesar das imensas iniquidades que nos assolam, havia perspectiva de futuro.

O dia a dia das pessoas melhorava e isso era visto a olhos nus. Nesse período, consegui realizar um sonho de criança, que foi plantado em mim desde muito cedo a partir das conversas com Dona Elinete, ser professor em uma instituição de ensino superior pública.

Tive a honra de vivenciar o início de uma revolução da educação superior brasileira a partir do REUNI com uma proposta política de interiorizar os *Campi* universitários.

Acompanhei a implantação de uma unidade de ensino superior no interior do nordeste junto também com um Instituto Federal. Sou testemunha do quanto a cidade que nos acolheu se desenvolveu durante parte desse período.

Mais uma vez acreditei que as coisas estavam se encaminhando. As pessoas estavam tendo mais acesso ao mínimo necessário. Havia mais oportunidades.

Ledo engano... (2) Nos deparamos com uma crise eminentemente política, que desencadeou uma crise econômica e uma avalanche de propostas no campo político, que em muito pouco tempo nos retrocedeu a tempos sombrios. Em nome de uma austeridade fiscal, temos vivenciado um “austericídio” como muito bem coloca um amigo de trabalho. Um pacote de ações vindas de quem nos devia proteger, cujo ápice pode ser mencionado por meio da EC95, da (d)reforma trabalhista, da extinção do ministério do trabalho e da mais atual proposta de (d)reforma previdenciária. As propostas prometiam e ainda prometem aumentar as oportunidades e fazer o país voltar a crescer. Me pergunto: para quem!?

As boas oportunidades para os(as) cidadãos(ãs) sumiram.

A quantidade de pessoas nas ruas e nos semáforos tentando sobreviver voltou a aparecer e tem aumentado vertiginosamente. Com esse pacote de perversidades e do jeito que as coisas estão, me permito praticar um exercício futurista e, embora não seja vidente, consigo enxergar um mundo do trabalho totalmente desregulamentado.

A realidade será totalmente diferente da que conhecemos. Cada vez mais pessoas trabalharão até a morte exauridos por um sistema que lhes exigirá tudo e não lhes assegurará nada. As próximas gerações não saberão o significado do termo seguridade social. Não terão acesso a “benefícios” previdenciários. Não haverá SUS. Praticamente ninguém se aposentará e os(as) poucos(as) que conseguirem receberão o pouco de hoje ainda mais defasado. Teremos um contexto com elementos da Idade Média e da Revolução Industrial entrelaçados. Serão tempos muito sombrios.

Preciso ressaltar que num mundo globalizado essa realidade que está posta não é “privilégio” brasileiro.

Essa pauta está posta em diversas nações, e a falta de trabalho digno e com significado está ficando cada vez mais escasso. E o que nos resta diante desse cenário catastrófico? Reaprendermos a lutar! Ao longo dos últimos anos, me parece que desaprendemos. Perdemos muito da nossa capacidade de articulação e mobilização.

Muitos movimentos se esvaziaram. Somos muitos(as) em quantidade, mas poucos(as) em termos de organização.

Vivemos imersos na virtualidade e temos tido dificuldade em lidar com o real. A sociedade em geral, que deveria ser a principal defensora dessa e de outras causas também urgentes, muitas vezes condenam as pessoas que têm lutado. Então, há algo equivocado em nossa estratégia.

Que reaprendamos a lutar o bom combate!

Que os(as) trabalhadores(as) tenham sua dignidade assegurada e respeitada! ■■■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*